

# Percepção, linguagem e pensamento

---

SÔNIA RÉGIS

Matrizes da linguagem e pensamento. Sonora, Visual, Verbal. Aplicações na hipermídia de Lucia Santaella, São Paulo, Iluminuras/Fapesp, 2001, 431 p.

Cada novo livro de Lucia Santaella é um acontecimento que convoca o respeito de quem a conhece e a curiosidade de quem ainda não teve contato com sua produção intelectual. Pesquisadora dedicada e de muitos méritos, suas reflexões sobre a teoria semiótica são sempre de grande pertinência e costumam, pela distinta argumentação, impor novos hábitos de pensamento, contribuindo grandemente para a compreensão da expressão e comunicação da atualidade. *Matrizes da linguagem e pensamento* é o resultado de um longo trabalho de pesquisa e reflexão. Para classificar as linguagens, a autora usou os princípios da teoria semiótica do filósofo Charles S. Peirce, especialidade sua, ao mesmo tempo em que lançava um olhar sensível e arguto para a produção de conhecimento (científica e artística) de nossa era. Para quem conhece e preza a semiótica peirceana, o livro causa admiração por sua densidade, pela dimensão do conteúdo, pela extrema precisão conceitual e por sua rigorosa aplicação. Para os que ainda não tiveram contato com a teoria do filósofo norte-americano, esta é a grande oportunidade, pois a autora apresenta boa parte de sua filosofia, principalmente a fenomenologia e a semiótica, de modo cuidadoso, situando-a no panorama da filosofia tradicional, ao mesmo tempo em que a ilustra com citações rigorosas. E para os que desejam se aprofundar um pouco mais no estudo das linguagens utilizadas nas produções sonoras, visuais e verbais, o livro corresponde com minuciosas análises dos eventos criativos da atualidade.

Supondo-se que alguém não tenha interesse especial pelos fundamentos do pensamento de Peirce, pela lógica semiótica e sua visão da percepção e do conhecimento humanos, mas se interesse pelas questões implicadas na expressão e comunicação, de um modo geral, a leitura da classificação das modalidades e submodalidades de cada uma das matrizes, o reconhecimento de suas possibilidades e de seus limites, é uma experiência extremamente enriquecedora. Com o aparecimento de novos meios de comunicação, ficamos todos perplexos com as possibilidades da materialização do pensamento humano, mas perdemos um pouco da objetividade necessária para apreciá-las. O livro enseja uma revisão conceitual e fornece elementos para a revisão de muitos equívocos teóricos. Além do mais, quem tiver um verdadeiro interesse pela expressão artística da atualidade ou pela debatida questão da criatividade tem a oportunidade de pensar, com a adequada orientação da autora, sobre alguns dos temas mais complexos da virada do século, já que a precisa caracterização das linguagens em suas três matrizes (sonora, visual e verbal) tem a qualidade de criar uma observação mais ampla e menos limitadora da arte. Mais sensível, podemos afirmar com certeza, pois, além de despertar nossa consciência para as complexas controvérsias que as linguagens, hoje, com o aparecimento da hipermídia, impõem, e de apresentar um roteiro para o pensamento filosófico tradicional, o livro se organiza como uma apresentação vigorosa, embora sintética, da filosofia do pragmaticista americano. A arquitetura filosófica de Peirce é mostrada, de modo muito convincente, em sua capacidade de aplicação no reconhecimento e apreciação das situações atuais da produção cultural.

Os fundamentos desse livro ocuparam a autora por muitos anos. Partes suas já foram publicadas e até aplicadas com grande êxito, como a dedicada à linguagem verbal \_\_ que serviu para diagnosticar a redação de estudantes e propor novos métodos no exercício da linguagem verbal, bem como para estabelecer critérios para a produção de textos científicos \_\_ ou à linguagem visual, que tanto auxiliou professores e especialistas na delicada tarefa de compreender a diversidade e a extensão da expressão artística que hoje nos surpreende. Lucia Santaella reuniu o resultado de suas reflexões em um substancial volume que estava sendo aguardado por quem conhecia o andamento de suas investigações.

A semiótica, dentro da arquitetura da filosofia peirciana, está encravada na fenomenologia, que responde a uma questão decisiva: como apreendemos e compreendemos o mundo. Por isso as três matrizes de linguagem são também do pensamento e, como tal, estão em permanente mutação, pois seu mundo, como declara Santaella, *“é tão movente e volátil quanto o mundo dos vivos”* (p. 27). Essas teses sobre as três matrizes de linguagem e pensamento \_\_ sonora, visual e verbal

— vêm ocupar um lugar especial em nosso universo cultural, às voltas com as constantes redefinições da realidade e dos limites das linguagens. Além de reafirmarem e comprovarem o fato de que linguagem é pensamento, ajudam-nos a esclarecer a complexidade de nossos processos cognitivos e sua evolução histórica. Embora a diversidade de meios seja apresentada por muitos estudiosos como correspondentes de linguagens especiais, Santaella se autoriza argumentar, embasada pela semiótica peirceana, que só existem três matrizes lógicas da linguagem e pensamento, que se entrecruzam no estado da comunicação atual, formando a hipermídia, linguagem não-linear, não-analógica, assentada sobre o hipertexto e podendo estocar informação com mais facilidade.

Embora o livro apresente uma extensa classificação das linguagens de acordo com a semiótica peirceana, seu propósito não é a mera rotulação, mas mapear as possibilidades do pensamento, do conhecimento, como declara a autora.

O propósito que guiou a elaboração do meu sistema classificatório, a ser exposto neste livro, foi criar um patamar intermediário entre os conceitos peircianos e as linguagens manifestas, de modo que as modalidades do verbal, visual e sonoro possam servir de mediação entre a teoria peirciana e a semiótica aplicada, funcionando como um mapa orientador muito flexível e multifacetado para a leitura de processos concretos de signos: um poema, um filme, uma peça musical, um programa de televisão, um objeto sonoro, e todas as suas misturas tais como podem ocorrer na hipermídia (pp.29-30).

É com a filosofia lógica ou semiótica de Peirce que a autora responde a questões importantes, constante objeto de consideração e discussão, sobre o processo de percepção e conhecimento. Para Peirce, não há pensamento sem signos, e a existência de um signo depende de sua interpretação. Por conseguinte, todo pensamento é falível, precisando de uma continuidade que o corrobore ou revise. Nenhum dado pode ser considerado, em si mesmo, evidência científica, pois toda evidência apresenta-se em signos que se referem a um objeto real, interpretando-o. Toda conclusão é produto de interpretação e só tem vigor se puder ser interpretada. Por isso a ciência pode sofrer constantes correções e revisões, pois se dá em representação, ou seja, em intermediações representativas. O núcleo do pensamento de Peirce repousa sobre essa concepção lógica de signo, cuja característica é a necessidade de interpretação. Uma concepção fundamental para se pensar as questões relativas ao conhecimento, a ação, a percepção e a emoção humanos. *“Uma das primeiras lições da semiótica é a de que estamos sempre a meio caminho da verdade”* (p.42).

Para sustentar a paisagem das três matrizes da linguagem e do pensamento,

Santaella é obrigada a delinear a filosofia de Peirce, que apresenta peculiaridades que parecem se tornar cada vez mais sensíveis para algumas questões da atualidade. Para ele, a filosofia está inserida, no quadro geral das ciências da descoberta e tem por tarefa descobrir o que é verdadeiro, inferido da experiência cabível aos seres humanos. A ética deve se submeter ao princípio estético, àquilo que é admirável em si mesmo, já que a ação humana é deliberada e controlada, isto é, guiada por objetivos que devem ser escolhidos. E esses objetivos devem ser admiráveis em si mesmos para serem almejados. Portanto, *“a estética guia a ética ao definir qual é a natureza de um fim em si mesmo que seja admirável e desejável em quaisquer circunstâncias, independentemente de qualquer outra consideração de qualquer espécie que seja”* (p.37).

Peirce acreditava convictamente que aquilo que é admirável não pode ser pre-determinado, por pertencer a metas que nos empenhamos em realizar, participando, desse modo, do desenvolvimento da razão, da liberdade, da criação do universo.

Peirce cumpriu uma tarefa importante ao desenvolver uma doutrina das categorias sob o ponto de vista das qualidades (primeiridade), dos objetos (secundidade) e da mente (terceiridade). As três matrizes recursadas pela autora apresentam correspondência com as três categorias fenomenológicas que alicerçam as linguagens e constituem suas raízes lógicas e cognitivas. Para o filósofo norte-americano, toda apreensão consciente se dá em uma gradação de três elementos, as categorias universais, que são também elementos formais, universais e onipresentes nos fenômenos, e que perpassam todas as experiências como qualidade, relação e representação. Essas categorias mantêm relações e se misturam, operando dentro das subdivisões da lógica ou semiótica.

Uma outra surpreendente distinção existente no pensamento peirciano é o seu fundamentado triádico. A constante tríade embasa plenamente o caráter representativo do pensamento humano, intimamente implicado com as leis da evolução, já que os signos transmitidos de uma mente para outra sofrem uma interpretação obrigatória. Um signo se endereça sempre a outro signo. Nenhum signo é completo (seja um ícone, um índice ou um símbolo), todo signo só se completa em outro signo, levando adiante uma evolução cognitiva, em busca da verdade. Podemos afirmar que a filosofia de Peirce exige o compromisso com o pensamento do outro. Para ele, não existe pensamento sem signo (o que constitui a base de suas teses anticartesianas, argumentadas com as incapacidades que nos são próprias, de seres de representação). E sua noção de signo é bastante abrangente. Um signo pode tanto ser um conceito, uma pintura, um sonho, um grito, um dedo que aponta uma estrela, uma letra, uma palavra, um livro, uma biblioteca, ou um sintoma. Um signo

é qualquer coisa que *“leva alguma outra coisa, chamada signo interpretante, a ser determinada por uma relação correspondente com a mesma idéia, coisa existente ou lei”* (p.39). E a semiótica é a ciência que estuda *“todos os possíveis tipos de signos, seus modos de significação, de denotação e de informação, e o todo de seus comportamentos e propriedades, na medida em que não são acidentais”* (MS 634:14) (p.39). Pois a ação própria do signo é a de determinar um interpretante, de formar a semiose. Um signo só se atualiza em outro signo, exige sempre uma significação. É nesse ponto que podemos inserir as teses sobre comunicação que forçam a responsabilidade da significação apenas ao receptor ou muitas teses sobre a arte, na atualidade, que desobrigam o artista quanto à significação de sua obra. Objetivar a barra que existe, apenas de modo didático, entre comunicação e expressão tem trazido muitos malefícios para a compreensão da produção cultural. As teses de Santaella auxiliam de modo muito saudável a desfazer uma infindável lista de equívocos praticados na leitura e análise das artes hoje.

A pressuposição das três matrizes está na relação entre pensamento e linguagem, acrescida da percepção, pois o conhecimento (linguagem e pensamento) está intimamente relacionado aos sentidos. Para Peirce,

os elementos de todo conceito entram no pensamento lógico pelos portões da percepção e dele saem pelos portões da ação deliberada; e tudo aquilo que não puder exibir seu passaporte em ambos esses portões deve ser apreendido pela razão como elemento não autorizado (CP 5.212. cit. p.55).

São os sentidos, as portas da percepção, o embasamento de todo nosso conhecimento. As matrizes sonora e visual correspondem aos sentidos da audição e da visão. A linguagem sonora nasce da aproximação que tem o ouvido com o cérebro. É altamente sugestiva e não representa nada fora de si mesma. É uma linguagem que pertence ao universo icônico, embora essa seja uma classificação contestada por alguns, que dão a característica da iconicidade à linguagem visual. No entanto, é primorosa a argumentação da autora na defesa dessa tese e se apresenta como uma afirmação que deve levar os estudiosos a rever algumas posições em suas abordagens do elemento visual, inclusive na crítica aos meios de comunicação que usam a imagem. Teixeira Coelho, em seu livro *Moderno. Pós-Modernos. Modos & versões* (São Paulo, Iluminuras, 3ª edição, s/d, 277 p.), com a caracterização indicial dada à imagem visual, tece uma maravilhosa crítica à televisão, ao modo como ela mantém-se longe da possibilidade realmente criativa, por sua recorrência à referencialidade. A característica da linguagem visual é ser perceptiva, de vocação referencial,

correspondendo a algo fora de si mesma. Ela exige a reduplicação do existente. É uma linguagem feita de signos indiciais.

Mas nem todos os sentidos formam uma linguagem. *“É possível haver uma gramática da visualidade e uma gramática da sonoridade, mas não uma gramática do tato, cheiro ou do paladar”*, afirma Santaella (p.75). A linguagem verbal é conceitual, sua natureza é simbólica, o que a predispõe à terceiridade. *“Quanto mais distância o sentido é capaz de interpor entre si e o mundo, mais ele pode ser posto a serviço do pensamento”* (p.74). É o caso das linguagens que advêm do olho, que se tornam autônomas ao serem registradas em suportes externos ao corpo, como o papel. As inscrições, desenhos, etc. adquirem muito cedo autonomia. Mas as matrizes da linguagem e pensamento não são atomizadas, assim como existe uma colaboração entre os sentidos, existe entre as linguagens, havendo a dominância de um sentido em cada uma. *“Os órgãos formam sistemas”* (p.77), e sistemas que se submetem a modelos de percepção diferenciados. Do contrário, não corrigiríamos as descobertas científicas, nossos sentidos não prenderiam novos modos de percepção.

A música, matriz sonora, compõe uma linguagem, levando-se em conta uma concepção de linguagem que não se submete ao modelo lingüístico, como a teoria semiótica, que não se aplica apenas à linguagem verbal. A música faz parte da matriz sonora, de dominância icônica. Se a proposta das três matrizes da linguagem e pensamento mantém a linguagem verbal com a pertinência do símbolo e a visual com a dominância do índice, a música vai ser uma matriz de competência virtual, pois não tem referência, poder de representar algo fora dela mesma. Uma linguagem com a dominância da primeiridade, do ícone. *“O som é omnidirecional, sem bordas, transparente e capaz de atingir grandes latitudes. Não tropeçamos no som. Ao contrário, ele nos atravessa”* (p.105). As relações internas da música se dão do ponto de vista da sintaxe, assim como se dão, na linguagem visual, através da forma e, na linguagem verbal, através do discurso. É o eixo da sintaxe sonora, o da forma visual e o do discurso verbal que mantém o caráter específico de cada linguagem. Mas, evidentemente, a música, assim como as demais linguagens, mistura os signos, criando uma combinatória para formar unidades mais complexas.

A música está apta a produzir efeitos diversos, e a contemplação semiótica é capaz de discernir todos eles, assim como o papel do ouvinte. Esses efeitos, evidentemente, são levados em conta na sua classificação da sonoridade, eles abrem a possibilidade para os muitos modos de ouvir e interpretar. O ouvir com o corpo, tem a dominância do universo rítmico, como a coreografia, na dança, que também apresenta uma convenção de representação visual que indica o movimento e as

posições do corpo no espaço e a interação intelectual com a música. No entanto, a classificação não se dá apenas pelos efeitos do som, mas por sua natureza, assim como pela materialidade do objeto sonoro ou pela avaliação da música como forma de pensamento. Conjugada à classificação, Santaella brinda-nos com a análise de uma extensa bibliografia sobre a recepção musical, propiciando ao leitor uma compreensão atual do assunto e conscientizando-o quanto a importantes questões suscitadas pela composição musical.

A linguagem sonora tem uma grande complexidade. Se um ruído pode ser apreciado, casualmente, estando nós próximos de sua causa, para ser analisado, um som tem de ser fixado em um suporte, tem de ser gravado. Estudar a linguagem musical implica reconhecer os objetos sonoros, tanto como eventos quanto como experiências. E a autora procurou não apenas classificar os sons musicais de acordo com sua recepção, com os efeitos que pode causar em um intérprete, mas classificar a natureza da música que pertence ao universo dos sistemas musicais convencionais, que tem a nota musical como unidade significativa e como componentes fundamentais o ritmo, a melodia e a harmonia. As demais composições, música concreta, eletrônica e eletroacústica não são abandonadas, mas discutidas, já que houve uma grande mudança no universo musical da atualidade que não pode ser abandonada. Mudanças que permitiram não apenas compor com sons, mas compor sons, como afirma Santaella, levando-se em conta que *“o átomo da nota musical foi fissurado até o encontro de seus mais ínfimos componentes internos”* (p.88), abalando a própria *“organização do tempo, coluna dorsal da música”* (p.89). Observa ela, no entanto, que as novas combinações não invalidam as antigas, pois

a cultura humana é cumulativa. A malha evolutiva da criação não joga fora o que veio antes, nem caminha em linhas retas. Como as camadas geológicas da Terra, as camadas da criação humana vão se superpondo, formando um agregado cada vez mais espesso em processo de crescimento vetoriados para a complexidade (p.95).

*Matrizes da linguagem e pensamento* acaba resgatando a história das rupturas nas linguagens criativas ao reorganizar a experiência sígnica. Acorda-nos para a descoberta da criatividade das linguagens, suas possibilidades e limites. A análise das diferenças entre as linguagens nos fornece informações preciosas para abordar as grandes conquistas das artes na atualidade, assim como medir suas grandes falências. Algumas observações da autora são valiosas para compreendermos as inúmeras dificuldades encontradas pelos teóricos para analisar as experiências artísticas. Fornece-nos ela elementos para compreender as diferenças entre as expressões

artísticas do Oriente e do Ocidente, as diferenças das expressões em decorrência da diferença dos suportes, ou as diferenças causadas pela evolução de nossa percepção. Ao comentar essas diferenças ente as linguagens, Santaella faz observações de grande valia.

A escrita captura o sensível do som, mas não pode retê-lo. Eis o grande paradoxo: o ouvido é o menos confiável de todos os juizes. Por aí se compreende porque a música ocidental, filha seleta de sociedades da escrita, demitiu-se da escuta para assujeitar-se às grafias, notações, cifras, modos de armazenamento e recuperação posterior do sensível ao audível (p.138).

Ao apresentar as formas visuais estruturadas como linguagem, a autora discute questões ligadas à representação. A da interpretação, por exemplo, tão pouco tematizada em bases mais científicas. Embora já tenha apresentado muitas de suas idéias sobre a imagem (em *Imagem. Cognição, semiótica, mídia*. São Paulo, Iluminuras, 2ª edição, 1999, 216 p.), ela reavalia as bases frágeis em que a discussão da realidade da representação ainda se sustenta. A semiótica peirceana traz, sem dúvida alguma, muita objetividade para essas questões, provocadas principalmente pelo uso constante de conceitos, na leitura de peças visuais, emprestados da posição dualista da lingüística. Além disso, a interpretação, por exemplo, parece ainda não ser apreciada como uma característica da própria representação, como deveria ser, mas como poder do intérprete. Para esse feito, Santaella usa os princípios da teoria sógnica de Peirce: o signo é uma mediação. *“Assim sendo, a referência do signo ao objeto não depende de uma interpretação pessoal. Ela é uma propriedade objetiva do signo”* (p.191). Por conseguinte, o interpretante é determinado pelo mesmo objeto que determina o signo. Isso faz diferença. Por exemplo, o receptor, no comum das vezes, não pode ser acusado de único vilão da má compreensão na comunicação, o que exige uma boa revisão em muitas das observações correntes na teoria da comunicação.

Já o mundo visual tem qualidades que parecem mais bem compreendidas, ultimamente. Muitos estudiosos a ele se dedicaram com afinco, como Gombrich e Arheim, auxiliando-nos a expandir nossa capacidade de apreciar o que vemos e o modo como registramos o visto. O mundo visual é contínuo e a visão insiste na sua alteridade, insiste em nos mostrar o que está fora de nós, afirma Santaella. A linguagem visual é concreta e pode ser reconhecida. *“Se não fosse por essa fisicalidade, por esse senso de externalidade que acompanha a percepção visual, não teríamos meios de distinguir entre o visível e o alucinado, devaneado, sonhado”* (p.196).



A expressão “matrizes da linguagem e do pensamento” é abundantemente repetida no livro, assim como o fato de que cada meio de representação desenvolve conceitos e formas de representação que lhe são próprios. A preciosa categorização das imagens visuais segue essa crença e nos enriquece com a extensão do campo analisado. Nada escapou à catalogação, ao reconhecimento. De manchas, passando pela fotografia documental e figuras, até o desenho mais abstrativo; do registro da gestualidade do pintor à marca do pincel. Santaella fornece uma classificação da linguagem visual bastante integradora, possibilitando encampar todas as imagens do espectro visível, e faz isso acompanhado por uma revisão das teorias conhecidas, da *gestalt*, do caos determinista, das estruturas dissipativas, da *autopoiesis*, sem deixar de lado os grafites, as garatujas das crianças, as placas de trânsito, a caricatura, os pictogramas ou as alegorias. A classificação cobre todas as possíveis manifestações convencionais que aparecem à visão, sendo uma excelente auxiliar na leitura dos vários níveis das obras artísticas, das abstrações de Kandinski, passando pela gestualidade de Pollock até a figuração surrealista. Além do mais, os modos de representação da linguagem visual são sensível e inteligentemente aproximados da música e da linguagem verbal. Até mesmo o efeito de significado dos mecanismos de fragmentação, deslocamento, identificação e condensação da sintaxe dos sonhos, da análise de Freud, são passíveis de reconhecimento, na mistura de interseções de submodalidades que existem na linguagem, como a autora nos mostra. *“Isso significa que a classificação não deve funcionar como uma itemização estática e monovalente, mas como bússolas de orientação para a leitura dos princípios lógicos que comandam as configurações da linguagem visual”* (p.260).

A convencionalidade e arbitrariedade da linguagem verbal exige uma classificação paciente. A gravidade de Peirce no trato da palavra como símbolo (*“A palavra, em si mesma, não tem existência, embora tenha ser real, consistindo em que os existentes deverão se conformar a ela”* (CP 2.292 - p.262) demonstra a especificidade verbal. Só a linguagem verbal é capaz de dissertar, lembra-nos a autora, de produzir o pensamento sob autocontrole, o pensamento científico. A discursividade é a característica da linguagem verbal, materializando-se nas submodalidades da descrição, narração e dissertação. Mas mesmo sendo argumentativa, de produção consciente, a linguagem verbal também se aproxima de modos icônicos, como na poesia. Também ela se deixa perpassar pelo filtro dos sentidos. E Santaella esclarece: *“Vale ressaltar que estou considerando como sentidos não apenas a visão, audição, tato, paladar e olfato, mas também a imaginação como uma espécie de sentido interior.”* (p.295). E lembra que Peirce, muito apropriadamente, já afirmou que *“o mundo atual não pode ser distinguido do mundo da imaginação por ne-*

*nhuma descrição*” (CP 3.364). De modo que cada vez mais só o contexto e o campo de pressuposições dos falantes podem decidir sobre a natureza do referente, como observa a autora.

As linguagens são híbridas. Santaella ocupa a parte final do livro, depois de apresentar ao leitor toda a classificação das matrizes, um ensaio sobre as linguagens híbridas, que misturam os princípios da sonoridade, da visualidade e da discursividade verbal. Um ensaio precioso, dadas as condições tão diversificadas e complexas das produções criativas em nosso tempo. *“As matrizes não são puras. Não há linguagens puras. Apenas a sonoridade alcançaria um certo grau de pureza se o ouvido não fosse tátil e se não se ouvisse com o corpo todo”* (p.371). Ademais, ao analisarmos as criações artísticas, levamos em conta o seu registro. O que não é representação é presentificação, acaso irrepetível, evento singular. É o que ocorre com a percepção de alguns sentidos. *“Os sentidos do paladar, olfato, e mesmo do tato não criam linguagens, pois exaurem-se no ato perceptivo, ato sem rastros”* (p.374). É o caso das *performances*.

Quando se refere à hibridização das linguagens, Santaella tem em vista recuperar a percepção de que são os signos os mediadores entre nós e o mundo, não os canais dessa comunicação. Não são as mídias as mediadoras, como têm sido equivocadamente apreciadas as novas possibilidades de expressão e comunicação. Por terem os recursos das três linguagens, são transformadas em mediadoras. Os signos pertencem a essas únicas três matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual e verbal, como enfatiza a autora:

por trás da aparente diversidade dos processos de signos, sistemas de linguagens e mídias nos quais os signos se encarnam e através dos quais circulam, só há três matrizes da linguagem e pensamento. Toda a profusão diferenciada de signos com que convivemos a cada dia, hora e instante de nossa vida, não é senão fruto de misturas sem fim e combinações imprevistas de um número finito de modalidades, cuja lógica semiótica busquei delinear (p.411).

É muito difícil sintetizar os teores desenvolvidos por Lucia Santaella nesse livro. Em primeiro lugar, pela abrangência, por tratar das linguagens e, em segundo lugar, pela extensa conceituação com que lida. Mas é preciso esclarecer que se trata de um volume de ensaios coesos em torno da teoria semiótica e de grande sensibilidade para a complexidade do pensamento atual. Uma tal classificação rigorosa das modalidades e submodalidades das três linguagens, ao contrário do que pode aparentar, não enrijece nossa apreciação do exercício criativo. Pelo contrário. É a própria autora quem esclarece isso. *“O objetivo último das classificações é o de funcionar como um dispositivo que permita perceber as formas semióticas de que*

partem os diversos processos sógnicos ou linguagens e as relações que são possíveis entre eles, o que nos leva à superação das divisões estanques entre as linguagens na medida em que são fornecidas novas bases para uma visão intersemiótica fundada em matrizes lógicas” (p.381).

SÔNIA RÉGIS é professora da PUC-SP, onde doutorou-se em Comunicação e Semiótica. Traduziu e colaborou com vários jornais exercendo a crítica literária. Publicou, dentre outros, *O brontossauro azul ou a aritmética progressiva* (romance) e *Efeitos do (in)significante* (poesia).  
sregis@deltabr.com.br